

Número 6 - Julio / Diciembre 2018

# REVISTA DIÁLOGOS EN MERCOSUR

ISSN 0719-7705

Portada: Sitio Ceremonial Labkenche, Tirúa, Chile de Eugenio Salas Olave. Fotografía de Angélica Salas Arellano

DIÁLOGOS EN MERCOSUR  
¡AMÉRICA LATINA Y MÁS!



## CUADERNOS DE SOFÍA EDITORIAL

### CUERPO DIRECTIVO

#### Director

**Carlos Túlio da Silva Medeiros**

*Diálogos en Mercosur, Brasil*

#### Sub Director

**Francisco Giraldo Gutiérrez**

*Instituto Tecnológico Metropolitano, Colombia*

#### Editores

**Isabela Frade**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

**Alcione Correa Alves**

*Universidade Federal do Piauí, Brasil*

**Juan Guillermo Estay Sepúlveda**

*Universidad de Los Lagos, Chile*

### COMITÉ EDITORIAL

**Andrés Lora Bombino**

*Universidad Central Marta Abreu, Cuba*

**Claudia Lorena Fonseca**

*Universidade Federal de Pelotas, Brasil*

**Carlos Túlio da Silva Medeiros**

*Diálogos en Mercosur, Brasil*

**Fernando Campos**

*Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal*

**Francisco Giraldo Gutiérrez**

*Instituto Tecnológico Metropolitano, Colombia*

### COMITÉ CIENTÍFICO INTERNACIONAL

**Ana Mirka Seitz**

*Universidad del Salvador, Argentina*

**Eduardo Devés**

*Universidad de Santiago / Instituto de Estudios Avanzados, Chile*

**Eduardo Forero**

*Universidad del Magdalena, Colombia*

**Graciela Romero Silveira**

*Universidad de la República, Uruguay*

**Heloísa Buarque de Hollanda**

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*

**Juan Bello Domínguez**

*Universidad Nacional Autónoma de México, México*

**Lisandro Alvarado**

*Universidad de Zulia / REO-ALCel, Venezuela*

**María Alicia Baca Macazana**

*Organización de Comunidades Aymaras, Quechuas y Amazónicas del Perú, Perú*

**María Teresa Ferrer Madrazo**

*Universidad de Ciencias Pedagógicas Enrique José Varona, Cuba*

### Cuerpo Asistente

#### Documentación

**Lic. Carolina Cabezas Cáceres**

*221 B Web Sciences, Chile*

**Traductora: Inglés**

**Lic. Pauline Corthon Escudero**

*221 B Web Sciences, Chile*

**Traductora: Portugués**

**Lic. Elaine Cristina Pereira Menegón**

*221 B Web Sciences, Chile*

#### Portada

**Felipe Maximiliano Estay Guerrero**

*221 B Web Sciences, Chile*



## CUADERNOS DE SOFÍA EDITORIAL

### Indización

Revista Diálogos en Mercosur, se encuentra indizada en:





CUADERNOS DE SOFÍA  
EDITORIAL

ISSN 0719-7705 – Publicación Semestral / Número 6 / Julio – Diciembre 2018 pp. 37-53

**ESTUDANDO LIVROS NÃO ESCRITOS: A ESCRITA, A CLASSE SOCIAL E AS ESTRATÉGIAS  
DE PODER DE QUATRO PERSONAGENS QUEIROSIANAS**

**STUDYING BOOKS NOT WRITTEN: WRITING, SOCIAL CLASS AND POWER STRATEGIES  
OF FOUR “QUEIROSIANAS” CHARACTERS**

**Dr. Rodrigo do Prado Bittencourt**  
Universidade de Coimbra, Brasil  
rodrigobittencourt@gmail.com

**Fecha de Recepción:** 17 de marzo de 2018 – **Fecha de Aceptación:** 27 de agosto de 2018

**Resumo**

Este artigo investiga a relação entre escrita e classe social na vida de quatro personagens de três livros de Eça de Queirós: *A Capital! (começos duma carreira)*; *Os Maias — Episódios da vida romântica* e *A Ilustre Casa de Ramires*: Carlos da Maia, João da Ega, Gonçalo Ramires e Artur Corvelo.

**Palavras-Chave**

Eça de Queirós – Classe Social – Século XIX

**Abstract**

This paper researchs the relationship between writing and social class in the lives of different characters from three books by Eça de Queirós: *A Capital! (começos duma carreira)*; *Os Maias — Episódios da vida romântica* and *A Ilustre Casa de Ramires*: Carlos da Maia, João da Ega, Gonçalo Ramires and Artur Corvelo.

**Keywords**

Eça de Queirós – Social Class – 19<sup>th</sup> Century

Este artigo busca analisar o papel da escrita nos livros *A Capital!*, *A Ilustre Casa de Ramires* e *Os Maias*; todos de Eça de Queirós. O formato e o conteúdo do que é escrito são condicionados (embora não determinados) também pelo ambiente sócio-histórico que os envolve. Assim, parte-se da hipótese que Gonçalo é estimulado socialmente a escrever, enquanto parte de sua estratégia na luta de classes, Carlos e Ega não o são e Artur hora o é e hora não; tudo isso pelo próprio sentido que a escrita tem na busca por poder empreendida por cada um. Faz-se necessário entender como as relações sociais influenciaram sua ação no campo literário dentro daquilo que Bourdieu chamou de “o espaço dos possíveis”<sup>1</sup>.

Por conseguinte, é preciso analisar a obra de acordo com a lógica interna de seu *campo*, como diria este autor<sup>2</sup>. Assim, a escolha do que vale a pena ser escrito e o ato de escrevê-lo ou não -longe de gratuito e fortuito- sofre também influência histórica. Por esta lógica, Gonçalo é o único que encarna seu papel com “seriedade”, para usar um conceito de Pierre Bourdieu<sup>3</sup>. Ou seja, ele assume a condição social que herdou e não foge dela, tratando de fortalecê-la e garantir a sua reprodução. Sua atuação no campo corresponde à posição que nele ocupa, sendo coerente com o “espaço dos possíveis” que lhe é acessível.

A obra escrita aí é um dos elementos da vida dessas personagens que possibilita a adesão deles à sua classe nos conflitos por poder com outras classes ou a negação de sua própria posição. Não só ela, portanto, irá fracassar ou ter sucesso dependendo dessa adesão. Afinal, o sucesso dentro da sociedade não se destina aos que lutam contra sua própria posição social, boicotando-se. Os maiores exemplos de personagens que realizam esta contradição entre seus atos e sua condição de classe são Carlos e Ega e a maior contradição está justamente na tentativa de escrever e publicar.

O estudo deste campo literário, ao abordar a questão da profissionalização crescente da figura do escritor, evidencia o desarranjo existente entre esta profissão e às vidas de quem não se dedicava ao trabalho, como Carlos e Ega. As duas personagens entram em contradição com sua própria condição aristocrática ao desejarem escrever de modo profissional, exercendo assim um labor. Isso explica, em parte, a não conclusão dos livros planejados e da revista nem sequer iniciada. Prepondera o ócio diante do labor e a vida de estilo aristocrático diante do profissionalismo burguês.

O trabalho como médico de Carlos mostra bem a contradição entre a atividade laboral tipicamente burguesa que ele tentava empreender e sua condição de aristocrata e dileitante: Carlos monta um consultório com cores suaves, criando um ambiente alegre, e coloca nele até um piano. Vendo tal postura diante do exercício da Medicina, os doentes não aparecem. As exceções são alguns pobres, os jovens colegas, que desejam consultar-se de graça, e uma rica senhora, a condessa de Gouvarinho, que leva seu filhinho para Carlos examinar, com intenção, no entanto, apenas de vê-lo e flertar com ele.

Assim, o trabalho é “boicotado” pelo caráter nobre que se quer a ele imprimir, afastando-o da realidade do mercado. Aceitar o trabalho puramente sério, enfadonho e

<sup>1</sup> Pierre Bourdieu, *As regras da arte. Gênese do campo literário* (São Paulo: Companhia das Letras, 1996), 265.

<sup>2</sup> Pierre Bourdieu, *As regras...*

<sup>3</sup> Pierre Bourdieu, *As regras...* 26

burguês não está nos planos de Carlos e ele desiste do consultório. Por conseguinte, o “espaço dos possíveis” a que tem acesso devido à sua classe é deixado de lado em meio à busca de um que não lhe está disponível sem “rebaixar-se”, fracassando sempre a sua atuação. Numa analogia com o xadrez: não se pode jogar senão com as peças que estão disponíveis sobre o tabuleiro e deve-se conformar com a posição que cada uma ocupa após o início da partida.

É este caráter de estratégia, consciente ou não, que a luta de classes pode dar à atividade escrita que faz com que não se analise aqui Fradique Mendes. Afinal, a publicação póstuma de seus textos se deu à revelia de sua vontade e não como uma estratégia sua em meio aos conflitos sociais. Assim, não se pode ver nele a mesma ambição de recompensas sociais por meio da escrita que se vê nas quatro personagens estudadas aqui. Pode-se até pensar que a opção de Fradique por não escrever mostra-se pertinente com a de Carlos e Ega, que acabam por quase nada publicar (com exceção dos dois artigos sobre Medicina de Carlos). Não há elementos textuais, entretanto, que permitam defender esta posição e isso dificulta muito qualquer ligação entre as cartas de Fradique e sua posição de classe. Defender esta hipótese também para ele seria quase como advogar a ideia de que todos que almejam escrever e publicar fazem-no por uma questão de classe; o que é inaceitável. Se é bem verdade que sua condição de classe afeta também a escrita de Fradique, como não poderia deixar de ser, isso não significa que fosse capaz de levá-lo a escrever enquanto parte de uma estratégia bem definida, consciente ou não. Ela não é uma peça em seu tabuleiro correspondente à luta de classes. Ou, ao menos, não é uma peça importante.

Tampouco, pode-se afirmar que a não escrita passa pelo mesma opção estratégica e lógica de Carlos e Ega. Isto porque o ato de não escrever pode ser algo bem corriqueiro e banal e não fruto de complicadas relações de classe. Pode-se afirmar a complexidade de seu significado n’ *Os Maias*, em que os dois jovens amigos estão sempre a planejar publicações que jamais se realizam, mas isso não ocorre com Fradique e não é apenas por se tratar de um homem inteligente e bem educado que se deva necessariamente pensar que há nele um desejo de publicar qualquer coisa. A escrita é para Fradique o que ela é para a grande maioria das pessoas: uma atividade comum e corriqueira; não uma parte essencial de seu projeto de vida; muito menos uma estratégia para se obter algo.

Voltando, pois, para as personagens aqui estudadas, tem-se que, a partir desta analogia com o xadrez, Carlos e Ega começam o jogo por querer jogar com peças que não dispõem: não é socialmente lícito a alguém de classe alta comportar-se e como se pertencesse a uma classe inferior; nem a aristocratas agir como meros burgueses. O trabalho, por exemplo, está reservado às classes baixas, no contexto do século XIX português. Não por acaso, escreveu Eça, com requinte de ironia, sobre a atividade profissional de Carlos: “Salvara de um garrotilho a filha de um brasileiro, ao Aterro — e ganhara aí a sua primeira libra, a primeira que pelo seu trabalho ganhava um homem da sua família”<sup>4</sup>.

Mesmo antes de saber que Maria Eduarda era sua irmã, Carlos temera as recriminações do avô pelo envolvimento com uma moça tão inferior socialmente e é justamente essa indecisão entre as **ideias novas** que aprendera da França e da Inglaterra

<sup>4</sup> José Maria Eça de Queirós, *Os Maias: Episódios da vida romântica* Vol. I (Lisboa: Lello e Irmão, 1945), 165.

e as **tradições** que aprendera em sua família, e sustentam sua vida confortável, que paralisa a personagem. Por isso, ele nada mais faz que viver no ócio e no diletantismo, buscando prazeres e fugindo de responsabilidades, como um eterno adolescente. É esta a única coisa que ele pode fazer: nada. Absolutamente nada! Ao menos, enquanto suas ideias e inclinações vierem de uma formação que contradiz seu poder e riqueza. Com efeito, querer valorizar-se pelo trabalho é tomar uma posição contrária à sua condição de classe e isto envolve seu consultório, a escrita de seu livro sobre Medicina e a fundação e direção da *Revista de Portugal*.

Norbert Elias cita Nietzsche para corroborar sua diferenciação entre a burguesia e a aristocracia alemãs. O filósofo, entretanto, não se restringiu, no trecho citado, apenas a este país, mas descreveu um fenômeno social amplamente disseminado e mesmo típico das sociedades de corte:

Em todos os lugares onde havia uma corte, diz ele em *Para Além do Bem e do Mal* (Aforismo 101), "havia uma lei da fala certa e, por conseguinte, também uma lei de estilo para todos os que escreviam. A linguagem de corte, além disso, é a língua do cortesão que não tem um tema especial e que mesmo em conversas sobre assuntos eruditos proíbe todas as expressões técnicas porque elas têm um ressaibo de especialização; este o motivo por que, em países que possuem uma cultura de corte, o termo técnico e tudo o que trai o especialista é uma mácula estilística"<sup>5</sup>.

Assim, qualquer tipo de trabalho especializado aparece como uma mácula heráldica para o aristocrata. O trabalho aproxima a aristocracia das classes inferiores: camponeses, proletários, pequeno-burgueses e burgueses. Em países de desenvolvimento capitalista tardio, como Portugal, a diferença entre aristocracia e burguesia era maior que na França e Inglaterra, países que foram os precursores do desenvolvimento da sociedade moderna e capitalista; onde a burguesia rica e influente forçou sua aceitação pelos remanescentes da aristocracia e mesmo nela penetrou<sup>6</sup>. Assim, o horror ao trabalho tendia a ser ainda maior entre os aristocratas lusitanos e de outros países ainda com fortes resquícios do Antigo Regime. Por isso a escolha de Carlos de estudar Medicina é reprovada pelo círculo de amigos de seu avô.

A simples ideia de um aristocrata trabalhar parecia descabida e ousada em demasia aos congêneres. Com efeito, como mostra Max Weber, foi apenas com o tempo e no seio da burguesia (notadamente a protestante), que a visão do trabalho como valor e um fim em si mesmo -dignificante do homem- desenvolveu-se<sup>7</sup>. Carlos e seu avô, influenciados pela cultura inglesa, parecem destoar dos conterrâneos portugueses, trazendo para a pátria ideias estrangeiras, como a do valor do trabalho e da superioridade dos conhecimentos pragmáticos diante da típica educação portuguesa: religiosa e tradicional, envolvendo orações e o latim.

<sup>5</sup> Norbert Elias, O processo civilizador. Volume 1: uma história dos costumes (Rio de Janeiro: Zahar, 2011), 50.

<sup>6</sup> O Pai Goriot (Le Père Goriot), de Honoré de Balzac, mostra como é difícil, mas possível, a aceitação por parte da aristocracia de sangue dos novos-ricos burgueses recém-nobilitados. É o caso da baronesa de Nuncigen, que sempre almejou ser recebida pela viscondessa de Beauséant e que o conseguiu, graças a Rastignac, que era pobre, mas de estirpe nobre, e caiu nas graças da poderosa viscondessa.

<sup>7</sup> Max Weber, A ética protestante e o espírito do capitalismo (São Paulo: Cia das Letras, 2004).

Também Artur, quando dispunha de riqueza, flerta com ideias que contrariam sua posição social; como as dos republicanos, cujas reuniões ele chega a frequentar. Ele se vê diante da oposição entre estes e os amigos de classe média ou alta e ideário conservador, sendo malvisto por ambos graças à sua indecisão e oscilação. Ao contrário de Gonçalo, que busca na escrita sustentar uma ambição política, Artur busca na política sustentar uma ambição literária, buscando os republicanos quando os altos círculos conservadores lhe fecham as portas. Buscando-os como apreciadores de suas obras literárias, contra os restritos círculos aristocráticos de poder e seus autores consagrados. Rejeitado também pelos republicanos, ele se vê cada vez mais distante do sucesso literário e se dedica a uma vida de prazeres amorosos.

Artur almejava ao sucesso literário e só se aproxima dos republicanos à medida que o que ele realmente queria -a consagração dos altos círculos literários- lhe é negado. Retomando antigas influências sofridas no seu tempo de Coimbra, ele pensa em colocar seu talento a serviço da causa republicana, demolindo pela pena as injustiças do mundo e as hierarquias sociais que lhe vetam o sucesso e o reconhecimento. Assim que a sorte parece lhe sorrir do lado conservador, entretanto, ele abandona os ideais e a luta pela justiça, sonhando com o sucesso literário.

Diante de tamanha falta de coerência e estratégia, ele acaba perdendo qualquer chance de ser aceito por qualquer um dos dois polos, ficando sempre à margem de um e de outro. Isso se dá porque Artur não define de modo definitivo qual é a sua posição dentro da luta de classes, ensaiando aproximações desastrosas com grupos irremediavelmente rivais. Artur percebe bem a ligação entre política e escrita, dispondo-se a lutar por uma sociedade mais igualitária quando decide fazer escritos críticos e satíricos. Ele não percebe, entretanto, que as escolhas dentro do campo são, muitas vezes, sem volta e que não se pode mudar sua posição dentro da luta por poder dentro do campo literário, e mesmo dentro da luta de classes, do mesmo modo como se muda o tema ou gênero de sua escrita.

Quanto a Ega, ele não se embrenha tanto no campo do trabalho quanto Carlos, optando pela tradicional carreira aristocrática: o Direito. Carreira que permitia a combinação de longo tempo de ócio com o sucesso e altos cargos estatais. A opção de Ega, entretanto, não vem acompanhada de muita dedicação e ardor. A arte e a vida folgazã tomam-lhe a maior parte do tempo -o que combina muito bem com o perfil aristocrático, aliás. Assim, ele realiza seus estudos de modo displicente, amparado pelo dinheiro de sua família: “Ega andava-se formando em Direito, mas devagar, muito pausadamente- ora reprovado, ora perdendo o ano”<sup>8</sup>.

Extremamente crítico dos costumes sociais da sociedade portuguesa, João da Ega parece buscar sempre chocar as pessoas ao seu redor, levando-as a escandalizar-se com seus ditos e pilhérias. Mesmo zombeteiro e contestador, ele, porém, está longe de ser grosseiro e de ignorar as regras de convívio social dentro da alta sociedade. Diletante assumido, ele acaba por incorporar bem o papel de jovem aristocrata, vivendo sem preocupar-se com o dinheiro que gasta e dando muito valor às aparências e ao efeito que suas palavras e gestos produzem naqueles que o cercam. Assim, sua atitude contestatória existe apenas na aparência, sem que ele procure de fato transformar a sociedade. É um gesto em busca da elegância e do chique, por meio do qual Ega busca diferenciar-se dos demais de sua idade e classe -para não dizer ainda de um afastamento

<sup>8</sup> José Maria Eça de Queirós, *Os Maias*, vol. I... 118.



com relação à burguesia e às classes baixas. Suas tentativas de criar polêmicas podem até escandalizar, mas parecem não ter sólido fundamento em suas convicções e sendo mesmo produzidas a despeito de suas verdadeiras opiniões; como fica evidente no momento em que o sempre liberal João da Ega defende a escravidão.

João da Ega se aproxima do banqueiro Cohen, por estar enamorado da esposa deste. Ele tenta agradar ao marido, evitando criticá-lo abertamente e sendo mesmo subserviente, se bem que repleto de ironia e más intenções. A descoberta do adultério por parte do marido traído, entretanto, afasta Ega de sua amada e o leva a amaldiçoar esta família. Ele, que pacientemente suportara ouvir o marido falar de seus negócios -atitude que ele achava mesquinha e indigna de si- explode em raiva e despeito ao ver tamanho sacrifício desperdiçado devido ao fim do relacionamento com a senhora Cohen. Pior ainda: apaixonado, Ega não vê defeitos em sua amada e decepciona-se profundamente ao descobrir que não apenas Raquel (assim se chamava a madame Cohen) aceitara passivamente as queixas e mesmo agressões de seu marido, bem como esforçava-se com ele para manter as aparências e salvar o casamento e a reputação da família; sem demonstrar nenhum pesar pelo afastamento de seu amante. Isso o enfurece sobremaneira e esta raiva manifesta, em uma de suas facetas, o ódio do aristocrata contra o burguês.

A escrita de João da Ega é condicionada por estes incidentes, escolhas e características pessoais. A vontade de surpreender e chocar os demais fez com que, ainda em Coimbra, ele idealizasse um livro incomum, que se chamaria *Memórias de um Átomo* e descreveria toda a História da Humanidade -e quase que a do universo- de modo pretensamente novo, moderno e ousado. O enredo consistiria na narração de um átomo que estivera presente na formação do corpo de personagens históricas ou de objetos que com elas tiveram contato e que assim poderia testemunhar tudo de mais importante que ocorreu ao longo dos séculos.

O rompimento com a amada Raquel Cohen, entretanto, trará novo impulso aos desejos literários de Ega, que se muda para Celorico, onde reside sua mãe, após a desilusão amorosa. Prometendo aproveitar o tempo neste local para escrever um texto que abalasse a aristocracia lisboeta e expusesse todos os seus vícios e sua sordidez; Ega parte, despeitado. Seria uma comédia chamada *O Lodaçal*. A promessa, no entanto, não é cumprida e ele volta sem o texto bombástico. Percebeu que não poderia escrevê-lo sem romper com a classe de que fazia parte e da qual não desejava se ausentar. Ao contrário: em sua volta para Lisboa, ele traz consigo a promessa de continuar a dedicar-se ao primeiro livro idealizado por ele e que provavelmente causaria mais prazer e gozo no seio da aristocracia que despeito e raiva. Ega sabia que sua criatividade e irreverência cativavam a sociedade lisboeta e queria mais sua aprovação e reconhecimento que contribuir para a justiça social ou a moral, por meio de um livro satírico.

Diletante e *bon vivant*, ele queria gozar os prazeres de sua excentricidade, mas estava longe de desejar ser um proscrito. Por isso, daí em diante se interessará pela revista que deseja criar em companhia -e com o patrocínio- de Carlos e pelas *Memórias de um Átomo*, esquecendo *O Lodaçal*. Esta revista é mais um projeto audaciosamente planejado, mas nunca levado a cabo, sem que se finalizasse nem mesmo um esboço do primeiro número.

Percebe-se em Carlos e Ega um descompasso entre as ideias e seu suporte material, como o identificado por Schwarz com relação ao Brasil, em *Ideias fora do lugar*<sup>9</sup>. Isto porque esses jovens aspirantes a escritores parecem preconizar os mais modernos ideais burgueses dos países centrais de então -França e Inglaterra- enquanto levam uma vida aristocrática num país ainda distante da realidade destas grandes potências.

As ideias não são acompanhadas de uma prática que lhes corresponda: colocar em prática as ideias assimiladas do estrangeiro seria **solapar seu próprio poder**. Afinal, o estilo de vida das personagens os coloca como inimigos da burguesia e estas ideias são burguesas. Assim, podem-se filiar Carlos e Ega à longa tradição de aristocratas liberais portugueses que por todo o século XIX contribuíram para disseminar as ideias deste matiz político pelo país e às vezes ajudaram mesmo a compor governos deste matiz.

Com efeito, desde o início do século XIX, já com a Revolução do Porto (1820) e a Constituição de 1822, se nota a presença de aristocratas em movimentos e grupos liberais, por mais que os nobres tenham estado dentre os mais beneficiados pelo Antigo Regime. Situação de descompasso entre posição social e atuação política que se repetirá muitas vezes até o fim deste século.

Assim, para citar apenas um dentre os vários exemplos possíveis, pode-se ver o exílio de aristocratas liberais, como atestam Vargues e Torgal em livro organizado por José Mattoso a respeito do marquês de Fronteira e sua vida no exterior junto a outros nobres exilados: “E, como é natural dada a sua condição, conviveu essencialmente com aristocratas, assim como sucedeu com o conde do Lavradio, o morgado de Mateus, o «cavalheiro» Brito e a marquesa de Laje”<sup>10</sup>. Afonso é outro exemplar deste grupo. Exilado em Londres, porém, ele se afastará da política para gozar a vida luxuosa da elite inglesa, admirando a aristocracia *Tory*.

Quanto a Gonçalo, ele é um aristocrata com ideias e práticas típicas da aristocracia e isso explica seu maior sucesso com relação aos demais. A aristocracia que justifica seu poder pelo mérito e não pela tradição, corre o risco de encontrar outros com mais méritos que ela, podendo ser desbancada, como na concorrência comercial burguesa. Assim, publicar é arriscar, pois sempre coloca em evidência os dotes literários, ou a falta deles, possibilitando que seus méritos possam ser avaliados, julgados e comparados com os de outros, sejam eles nobres ou não. Enquanto a tradição e o legado dos antepassados lhe conferem um poder que nunca poderá ser destruído; ao menos durante a vigência desta lógica particular que sustenta o respeito pela nobreza e a veneração do passado e da tradição. Como não é possível a ninguém mudar seu passado e o passado de sua família, os aristocratas estão **salvaguardados** de qualquer contestação ao seu poder, enquanto justificarem-no não pelos seus feitos (escrever bons livros, por exemplo), mas pelos de seus antepassados.

Carlos e Ega não o percebem, porém, e atribuem os fracassos de suas iniciativas de escrita aos outros, que não estariam preparados intelectualmente para receber estas obras ou seriam muito mesquinhos, invejosos e brutos. Já Gonçalo busca fazer da escrita justamente um meio de retomar o passado, atando a si próprio -às vistas de todos- às

<sup>9</sup> Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas* (São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000).

<sup>10</sup> Luís Reis Torgal, e João Lourenço Roque (ed.), *História de Portugal: o Liberalismo* (Lisboa: Editorial Estampa, 1998), 69.

glórias de sua família e à antiguidade de sua Casa. Na estratégia desta personagem, a escrita não destoa, portanto, de sua condição de classe, mas corrobora-a.

Enquanto a burguesia não se fortalece e conquista definitivamente todo o poder, alijando a aristocracia, esta subsiste de modo dúbio: vê o poder dos países centrais e isso lhe fascina; acredita em suas ideias porque percebe que elas lhes tornaram poderosos, preparando-os para os novos tempos e reformando instituições que atravancavam o enriquecimento da nação e diminuía sua força internacional. Esta aristocracia dos países periféricos não pode, entretanto, imitá-los, pois sente que isso iria contra seus próprios interesses. Seus membros pressentem serem eles os maiores entraves à modernização de seu país -que tanto dizem desejar- e acabam inutilizados, “esperando” a burguesia se fortalecer para que os derrube. Esta é a situação de Carlos e de Ega. Eles promovem as ideias vindas de França e Inglaterra, até mesmo desprezando os conterrâneos que não as conhecem ou delas discordam, mas não podem empenhar-se na aplicação prática de tudo que dizem defender. Ao menos, não sem com isso perder os privilégios que a ordem antiquada e obscura que tanto atacam lhes proporciona.

Artur é um caso à parte, que busca estímulos onde não há (Lisboa e a vida desregrada e fútil) e parte de onde eles se encontram (Oliveira dos Azeméis e vida ordenada e laboriosa). Ele é alguém que oscila entre usar da Literatura para conseguir poder no mundo externo a ela e o uso do poder que detém (oriundo de seu dinheiro) para se impor enquanto escritor. Ignorando o verdadeiro “espaço dos possíveis” que se lhe apresenta, sonha com um reconhecimento que se mostra cada vez mais distante e, mesmo depois de relativamente rico, continua a buscar o sucesso literário. Sem perceber que isso poderia pôr fim à sua fortuna, como de fato quase ocorreu. Pequeno-burguês a viver de seu capital, o outrora pobre gasta mal, confiando em quem apenas deseja enganá-lo e, desejando o sucesso literário, acaba meio falido.

Apenas Gonçalo, de fato, se mostra coerente com o “espaço dos possíveis” que lhe foi dado. Ele é o que mais trabalha, ainda que esse trabalho pareça ser pouco mais que um plágio de um poema de seu tio, e não desanima diante da atividade da escrita; uma vez que os fatores sociais e pessoais confluem para estimulá-lo a terminar a obra. Ele anseia por ascensão política e econômica e deseja proteger a honra de sua irmã da sedução de seu poderoso rival. Deste modo, ele não faz como Artur, colocando em risco seu poder social e econômico em prol da escrita, mas exatamente o contrário.

Gonçalo consegue eleger-se deputado e um dos fatores que mais contribui para isso foi a escrita, que teve a função de resgatar o passado heroico e aristocrático de sua estirpe; trata-se, pois, de um poder externo advindo, em parte, do campo literário. Enquanto isso, Ega e Carlos têm, na sua atividade de escrita, uma contradição com sua situação de classe e, portanto, de poder: buscar reconhecimento por meio do ato de escrever **contradiz** tudo mais em seu estilo de vida aristocrático, alheio ao trabalho, diletante e *bon vivant*.

Já Artur alcança seu maior êxito na produção quando ainda não detinha uma posição social de relativo domínio: escrevendo seu drama e sua peça quando ainda vivia de favor com as tias, na província. Ele sonha conseguir, por meio das obras que escreveu, ascensão social e prestígio. Assim que alcança estes objetivos por outros meios -a herança vultosa que recebe- põe tudo a perder na tentativa de reverter o poder extraliterário em sucesso no interior deste campo.

Daí o descompasso entre o poder social, econômico e político e a atividade de escrita, nos casos de Artur, João e Carlos. Sendo Gonçalo a exceção que confirma a regra: ele destoa dos demais por assumir as estratégias mais coerentes dentre as que lhe são possíveis em sua condição de classe e por isso alcança o sucesso que os outros apenas ambicionam.

## O escritor e a classe social

Eça de Queirós coloca estes “escritores” em dificuldades para escrever seus livros. Percebem-se as dificuldades de Carlos em escrever seu livro sobre Medicina, chamado *Medicina Antiga e Moderna*, e as de seu melhor amigo, João da Ega, em escrever textos ficcionais, a começar pelas *Memórias de um Átomo*, e as de ambos em começar a revista que sonham criar. Ao mesmo tempo, Gonçalo também sente dificuldades em escrever sua obra a respeito do glorioso passado de sua estirpe. Ainda assim, ele consegue terminá-la, ao contrário de Carlos e Ega. Enquanto Artur dispõe de pouco tempo livre para escrever quando trabalha na botica e mesmo assim produz suas obras, mas já não consegue escrever quando se torna um pequeno-burguês, faz novos “amigos” e goza de prazeres antes desconhecidos para ele.

Há que se analisar, pois, a figura do escritor retratado por Eça de Queirós no fim do século XIX, em Portugal em função de sua posição de classe e de suas estratégias sociais de poder, já que estes fatores têm uma forte relação com o desenvolvimento da atividade de escrita em si e com os frutos dela advindos. Tudo isto em meio às transformações oriundas da derrocada do Antigo Regime e o crescente domínio burguês: o campo da produção literária deve ser analisado na totalidade de seus elementos -tanto os intrínsecos à própria atividade de produção escrita quanto os que a envolvem.

A escrita não é uma realidade inequívoca e “a-histórica”: nem todas as sociedades conheceram a posição social de escritor ou reconheceram sua legitimidade. Por conseguinte, faz-se necessário avaliar a situação configurada nestas obras da figura de alguém que se dedica parcialmente ou exclusivamente à escrita e tem aí sua posição perante um grupo que reconhece este componente identitário e sustenta simbólica e economicamente tal atividade.

Há que se pensar como se apresenta a ficcionalização do campo literário que permeia as ações destas narrativas. Só a partir desta análise do campo é que se pode entender com maior profundidade a atuação de cada personagem e suas estratégias dentro do “espaço dos possíveis”<sup>11</sup>.

A estratégia literária não se limita a uma ação no campo da escrita, uma vez que se relaciona com diversos outros elementos da vida social e das condições psíquicas das personagens. Analisando o todo, pode-se perceber melhor a ação particular de cada uma delas, delimitar os contornos de suas personalidades e entender suas escolhas.

Com efeito, o modo como se encontra o campo literário interfere diretamente na atividade de escrita das personagens. N’*Os Maias*, a imaturidade do campo literário é muitas vezes afirmada: João da Ega justifica o fato de não ter escrito sua tão alardeada obra por entender que o público português não estaria preparado para isso, à altura de

---

<sup>11</sup> Pierre Bourdieu, As regras...

tal empreendimento; mais pretensioso que realmente audacioso e inovador, pelo que é anunciado pelo autor.

Afinal, quando interpelado sobre quando publicaria sua obra, ele diz que estava a esperar que o país aprendesse a ler, o que pode tanto ser tomado como o desejo de conseguir um público leitor maior por meio da diminuição do analfabetismo, quanto de que os leitores que já existissem se tornassem mais capazes de ler obras como a sua, ou seja: leitores mais bem preparados e formados.

No caso de Artur, é sua errônea percepção do campo literário como muito desenvolvido, maduro em sua apreciação das boas obras e ávido de novidade -somada à benevolente imagem que tinha de sua própria obra- que o leva a investir grande parte de sua pequena fortuna em atos que visam causar uma boa impressão nas pessoas que, a seu ver, lhe proporcionariam o sucesso literário e o reconhecimento advindo daí. Ao contrário da visão de Ega, Carlos e outras personagens d' *Os Maias*, Artur vê o campo literário de Lisboa da segunda metade do século XIX com exagerado otimismo. Interessante é o fato de que são duas visões do mesmo campo literário. A visão que acaba por se justificar é a d' *Os Maias*, uma vez que a inocência de Artur não lhe permite perceber o jogo mesquinho de interesses que se encontra por trás das atividades literárias da Lisboa de então.

Diante do cenário, ou seja, das condições sócio-históricas dadas, é preciso ver como cada um reage; ver as estratégias tomadas dentro do “espaço dos possíveis” possibilitado pela posição social ocupada. A expressão entre aspas é de Bourdieu, em seu livro *As regras da Arte*, e tem por objetivo explicitar a postura de combate ao anacronismo de olhar para o passado como se as escolhas nele feitas fossem as únicas possíveis ou as mais “lógicas” ou “certas”. Assim, a expressão coloca o foco na escolha da ação, dentro de certa gama de possibilidades, e revela suas características de estratégia assumida em meio ao dinamismo das relações sociais e das oportunidades por elas oferecidas. Assumida conscientemente ou não, mas com efeitos práticos que se fazem sentir na vida social e pessoal.

Frente ao mesmo campo, não apenas a visão que se tem dele diverge, bem como a estratégia escolhida a partir desta visão e da posição da qual se parte. Ega e Carlos, de famílias ricas, partem de uma posição social distinta da Artur, novo-rico. Já Gonçalo tem um nome de enorme tradição e peso, mas não dispõe de dinheiro; algo essencial num mundo cada vez mais capitalista. Isto certamente influencia não apenas a visão que cada um possa ter do mesmo cenário como determina as possibilidades que a cada um são ofertadas, de início.

Ora, vê-se que as quatro personagens configuram três posições distintas e estratégias também díspares: Carlos e Ega se agregam ao grupo dos que, depois de sonharem com uma grande vitória, numa percepção muito otimista de suas próprias qualidades, decidem não arriscar e passam a buscar apenas manter as vantagens da posição que herdaram; Artur, não percebe a verdadeira situação de sua condição social e ousa demais, pensando que está prestes a triunfar, enquanto na verdade está cavando sua própria sepultura; Gonçalo inicia com uma visão realista do “status quo” e isto permite-lhe melhorar bastante sua posição, a partir de uma estratégia muito condizente com o “espaço dos possíveis” que se lhe apresentava.

Embora Carlos e Ega n não sejam nomeados em momento algum a partir de algum título de nobreza, eles são classificados aqui como pessoas de vida “aristocrática”. Inúmeras referências são feitas às “armas dos Maias” e outros sinais de nobreza, embora jamais se faça referência a algum título específico, como de marquês ou conde. Ainda assim, eles devem ser vistos como aristocratas. Isso porque este parece ser o melhor termo para designar aqueles que vivem partir do gozo de uma fortuna que não foi por eles acumulada e dedicam-se pouco ou nada a algum tipo de trabalho, contando ainda com o prestígio que têm as suas famílias e a educação refinada que receberam. Tudo isso hes dá uma visão de mundo específica, uma vez que são as realidades materiais que condicionam as mentais, como disse<sup>12</sup>.

Note-se, assim, a diferença no campo do prestígio: aquele que Gonçalo busca capitalizar por meio da escrita é diferente do tipo de prestígio que os outros três desejam alcançar por meio da mesma atividade. Ele quer recuperar o prestígio de pertencer à nobreza e a escrita é apenas uma ferramenta para isso; que bem poderia ser substituída por outra qualquer e que tem o objetivo de garantir-lhe o sucesso político, levando-o a ser deputado e deputado de destaque.

Os outros três desejam, ao contrário, alcançar justamente o prestígio dentro do campo da atividade escrita, cada um em seu gênero. Gonçalo busca uma recompensa **exógena**, externa ao campo literário, e os demais buscam as recompensas **endógenas**. Ainda assim, como ele escolhe esta ferramenta e não outra, também para ele torna-se importante ter uma boa percepção do campo literário em que atuará e cabe ao pesquisador tentar entender o posicionamento da personagem aí.

Conscientemente ou não do estado do campo literário com que vai se deparar, o fato é que Gonçalo age sem tanto esmero para alcançar méritos literários em si, confiando que seu nome e o conteúdo histórico de sue livro, ambos permeados de aristocracia, lhe sejam suficientes para fazê-lo mais conhecido e valorizado. Ele pressupõe, assim, um campo literário ainda pouco maduro, pois pouco autônomo, em que os temas e até mesmo a posição social dos autores podem ser mais relevantes para a apreciação de uma obra que seus méritos no trabalhar a linguagem e na criação de um conteúdo original<sup>13</sup>. Deste modo, Gonçalo alcança o feito almejado, o que mostra que, de fato, o campo literário ainda estava muito condicionado por fatores externos, como a classe social e a política; servindo de mero apêndice ou auxiliar a estes outros campos.

Já a percepção do campo por parte de Ega, Carlos e outras personagens d’Os *Maias* é, a princípio, bem diversa; levando-as a desiludir-se, com o tempo. Elas chegam a pensar em obras pretensiosas e polêmicas, que lhes granjeariam sucesso e reconhecimento, mas acabam convencidas que este sucesso não viria. Numa conversa entre Carlos e Cruges, surgem as seguintes falas, que trazem a ideia de gênio incompreendido e a frente de seu tempo, tão cara à burguesia e que Carlos, aristocrata, vai adotar, em prejuízo próprio:

-Ninguém faz nada- disse Carlos espreguiçando-se. -Tu, por exemplo, que fazes? Cruges, depois de um silêncio, rosnou encolhendo os ombros: -Se eu fizesse uma boa ópera, quem é que ma representava?

-E se o Ega fizesse um belo livro, quem é que lho lia? O maestro terminou por dizer:

<sup>12</sup> Karl Marx, Manuscritos econômico-filosóficos (São Paulo: Nova Cultural, 1987), 29-30.

<sup>13</sup> Pierre Bourdieu, As regras...

-Isto é um país impossível... Parece-me que também vou tomar café<sup>14</sup>.

Assim, o campo literário é visto como obstáculo que chega mesmo a dissuadir os autores em potencial a começarem ou a terminarem suas obras. O que, como se verá, não é senão parte da história, uma vez que a motivação para a conclusão da obra se liga também a questões de classe que o permeiam, mas ultrapassam o campo literário em si.

Já Artur acredita que o jantar em que será lida um trecho de sua obra será frequentado por pessoas que amam a Literatura a tal ponto de se importarem tanto com esta nova obra como ele mesmo se importa. No entanto, depara-se com gente disposta apenas a aproveitar a oportunidade de comer bem sem nada pagar, com a inveja, com a vontade de caricaturar sua obra, com o exibicionismo... Além disso, vê as pessoas de Lisboa como muito mais interessadas na Literatura do que realmente são, enganando-se quanto à *soirée* de D. Joana como oportunidade de divulgação de si e de sua obra; quanto à venda de seu livro; quanto ao reconhecimento da notícia de jornal que divulgava o lançamento desta obra, etc.

Fixada as distintas visões do campo, faz-se necessário entender as diferentes estratégias nele assumidas e isso, como afirma a hipótese deste texto, passa necessariamente por uma questão de classe que é crucial para a análise do tema. O fato desta conclusão de Cruges e Carlos quanto à utilidade do trabalho deixar o âmbito tão somente individual e se transferir para o social não se dá apenas por uma tentativa de uma personagem ociosa em retirar de si a responsabilidade por seu próprio ócio, mesquinhez e frustrações; mas demonstra uma visão do Portugal da época que tem algum fundamento histórico.

Com efeito, a ficção criada por Eça tem ligação, em muitos pontos com a realidade histórica do campo literário português, e notadamente o lisboeta do último quartel do século XIX. O diálogo entre as duas personagens demonstra consciência da posição periférica do país dentro das lutas de poder internacionais e percebe a fragilidade deste frente aos centros de produção cultural da época; que são não por acaso, também os centros de domínio político e econômico.

A submissão à pressão cultural e ideológica estrangeira se faz notar até mesmo na escolha dos termos usados na narrativa: muitos são franceses ou ingleses, pois, de fato, a intelectualidade de países subalternos tende a usar alguns termos dos países dominantes com frequência em seu dia-dia, mesmo quando encontra em sua língua termos para expressar os mesmos conceitos ou objetos. Não há texto melhor sobre a influência estrangeira em Portugal que o famoso artigo de Eça sobre a imitação lusitana de tudo que se fazia em França, chamado *O Francesismo*.

Desse modo, a justificativa usada por essas personagens para seu fracasso e ócio não é de toda infundada. A chance de uma obra, sobretudo intelectual -mas não somente-produzida em um país periférico dentro do capitalismo mundial, ser tão ou mesmo mais valorizada que uma obra de um país central era muito pequena. As expectativas de prestígio e fama, ainda que tão somente nacionais, enfrentam as dificuldades de conseguir a aprovação de um público consumidor acostumado a julgar o que é proveniente dos países centrais melhor que o produto local, podendo ser até mesmo mais difícil obter a aprovação dos conterrâneos que a dos estrangeiros. Se o livro de Eça e a ópera de Cruges não teriam

---

<sup>14</sup> José Maria Eça de Queirós, *Os Maias*, vol. I... 282-283.

sucesso, o que então teria? O que de fato fazia sucesso? As óperas e livros consagrados na França. Consagrados seja pela crítica, seja pelas vendas. Duas consagrações distintas, mas importantes, neste contexto.

A aprovação dos estrangeiros também não é nada fácil de ser alcançada: os demais países periféricos costumam sustentar a mesma ideia de que o que vem do centro é sempre melhor. O que gera uma desunião dos mais prejudicados por esta ideologia, facilitando o domínio das potências e estimulando a concorrência entre eles. Assim, a apreciação de um novo livro em Portugal não era mesmo um feito fácil de ser alcançado e o único que fica imune aos riscos desta situação é Gonçalo, que não pensa em inovar de modo algum e nem mesmo em ser lido por um público muito amplo, conquistando o que deseja já a partir de um pequeno número de leitores e de uma apreciação crítica que julgue sua obra como simplesmente medíocre, mas de tema e intuito nobres. Ele quer ser visto como erudito e não como um artista de mérito.

Há, entretanto, uma lógica de sucesso literário oposta às das personagens d’*Os Maias*: é a burguesa. Esta defende o lucro a partir do sucesso imediato de grande monta, ainda que por tempo limitado e desprestigiado pela intelectualidade. Artur parece flertar com esta lógica, sobretudo depois de seu fracasso e de perceber que precisaria de mais dinheiro para manter seus amores com Concha. Ainda assim, esta não é uma opção inequívoca. Até porque, sobretudo no começo da narrativa, ele parece buscara a consagração dos artistas de renome. Esta lógica comercial não traz renome, mas o desprezo dos intelectuais e grandes artistas. Por isso, ela não é possível aos aristocratas sem prejuízo de sua própria posição, e abre o caminho das Letras para um novo tipo de produtores culturais e uma nova relação entre essa produção e o mundo econômico: trata-se do fenômeno da “indústria cultural”<sup>15</sup> que começa a surgir no século XIX e que se apresenta com grande força neste momento, materializando-se, por exemplo, no “folhetim”.

Ele surge na França, no início do XIX, e se consolida como um fenômeno de massas, substituindo os livros devocionais na categoria de “mais vendidos”. Assim, o destino do folhetim, se tem sucesso, é logo vender muito e ser esquecido; preparando o caminho para outro folhetim de grande vendagem, numa alta rotatividade das operações de produção, circulação e consumo desse bem cultural. O que só é possível mediante um avanço capitalista capaz não apenas de espalhar a ideologia burguesa, mas também de criar um número suficiente de editoras, livrarias, distribuidoras, transportes rápidos e mercado consumidor.

Como bem mostram Karl Marx e Friedrich Engels<sup>16</sup>, a burguesia foi responsável por uma internacionalização cada vez maior das relações econômicas e, conseqüentemente, das relações de poder, sejam políticas, culturais ou econômicas mesmo. A partir de então, se faz cada vez mais difícil para a aristocracia concorrer com o poder do dinheiro burguês. Afinal, uma obra passa a ser avaliada por critérios distintos dos que se consolidaram no Antigo Regime e o número de exemplares vendidos passa a ser um deles. Critério excessivamente mercantil para um aristocrata, mas cada vez mais poderoso, num mundo em que tudo passa a ser mercadoria.

---

<sup>15</sup> Theodor Adorno e Max Horkheimer, *Dialética do esclarecimento* (Rio de Janeiro: Zahar, 1985).

<sup>16</sup> Friedrich Engels e Karl Marx, *Manifesto comunista* (São Paulo: Boitempo Editorial, 1998).



Numa vida social cada vez mais dinâmica, a tradição perde valor de modo contínuo e critérios que se diziam ter por base a qualidade, a correção gramatical, os bons costumes e valores louváveis entram em desuso. A escrita nos moldes aristocráticos já não é fonte de tanto poder como outrora. A concorrência do modelo burguês de concepção de mundo e de produção cultural fere de morte o padrão do Antigo Regime.

O surgimento de novos objetivos -lucro imediato e estrondoso, ainda que passageiro- traz consigo também alterações nas próprias técnicas e temas da escrita. De fato, o folhetim se caracterizará por capítulos curtos, pelo narrador onisciente que finge dialogar com o leitor e por temas ligados ao exótico, ao crime e às paixões arrebatadoras. Além disso, ele valoriza a mulher como leitora ou como escritora. Não pode o aristocrata, porém, se sujeitar a esta nova tendência: como se disse, ela é desprestigiada pelos intelectuais e as instituições tradicionais. Ora, prestígio é justamente a essência do poder aristocrático e seus principais suportes são a tradição, a exclusividade e o refinamento.

Cada vez mais o sucesso imediato está vetado aos que não se dedicam ao gênero da literatura de entretenimento. O que corresponde a um forte desestímulo à produção literária aristocrática e um impulso ao burguês, que pretende usurpar, a seu modo, o domínio do campo literário. Assim, **quando a aristocracia se cala, o burguês fala**. Ou melhor: escreve e publica.

Das quatro personagens, só Gonçalo não se cala, pois assume sua posição de aristocrata, sem se importar se tem de buscar reviver isto a partir de um resgate do passado ao invés de tentar antecipar o futuro, como Artur, Carlos e, sobretudo, Ega fazem. Dentre estes, os dois últimos decidem calar-se, não terminando seus livros; enquanto Artur é calado pelo fracasso de suas obras e a não produção de novas. Carlos e Ega tentam antecipar o futuro por suas ideias, revolucionárias demais para o Portugal da época; Artur fá-lo por ver o campo literário português muito mais desenvolvido que de fato era.

A produção da arte liga-se, pois, às condições políticas, sociais, históricas e econômicas da sociedade a que pertence; ainda que ideologicamente, negue isso e afirme a “arte pela arte” ou tente fixar a produção artística como fora das relações de mercado por meio de categorias que mascarem essa realidade como as de “doação” e “generosidade”. Como se o artista que “se doa à sua obra” o fizesse sem esperar receber nada em troca e como se a recusa a se submeter a uma lógica de mercado imediatista de remuneração quase que automática não o permitisse se enquadrar numa outra lógica de mercado, de valorização do produto em longo prazo<sup>17</sup>.

Vê-se isso claramente n’*A Capital!*, pois Artur recusa a fama que se lhe constrói de bom criador de piadas e ditos espirituosos a partir da leitura de um excerto de sua obra no jantar organizado para isto. Em busca da valorização dos aspectos dramáticos de sua obra, ele busca não apenas ser fiel ao que escreveu, mas também o prestígio que a comédia não pode trazer e só ao drama é dado. Prestígio que lhe daria um nome duradouro, embora a comédia pudesse vender muitos livros de imediato, numa estratégia mais imediatista, sem garantias de longo prazo.

Se a produção cultural é de fato elemento intrinsecamente ligado aos aspectos econômicos, sociais e políticos vividos naquela época e local, tem-se que a classe social

---

<sup>17</sup> Pierre Bourdieu, As regras...

é um elemento central para a análise da posição do escritor. Assim, a Estética da Recepção, ao ressaltar que o leitor também é construtor do sentido da obra, em consonância com o autor, traz a necessidade de avaliar a questão da classe não apenas dos produtores culturais (escritores) e materiais (as gráficas, livrarias e editoras), bem como a dos próprios leitores em potencial da obra em questão e dos que a leram de fato.

Ao colocarem a questão do público potencial de suas obras, Carlos e Cruges acabam por, de certo modo, antecipar algo da Estética da Recepção, compondo uma ficcionalização do argumento teórico de que a obra não é um todo que se basta, mas tem relações com as condições que lhe são exteriores. Daí a importância da categoria “classe”, não apenas para os autores já citados, mas, sobretudo, para Terry Eagleton<sup>18</sup>.

Este último analisa a relação entre a Estética e a burguesia, demonstrando a força do componente social para entender as dinâmicas que se afirmam, ideologicamente, como neutras e, portanto, fora da luta de classes. Aliás, esta mesma afirmação de uma pretensa característica transcendental, que superaria as disputas políticas, já é, por si própria, uma afirmação política e uma tomada de posição em favor da classe dominante, como demonstra o autor.

Não há neutralidade em Ega e Carlos, que, uma vez confrontados com a escolha entre o mundo aparentemente mais justo que as ideias que dizem defender traria e os privilégios que sempre gozaram, acabam por escolher a estes. O Carlos que “lia Proudhon, Augusto Comte, Herbert Spencer, e considerava também o país uma *choldra ignóbil*”<sup>19</sup> podia até atrair os revolucionários, em Coimbra, mas jamais fará uma revolução; ciente, conscientemente ou não, de que ele próprio sairia perdendo com o triunfo de uma. O trabalho que ele e Ega tanto preconizam está longe deles e é com ironia que Eça retrata esta jovem intelectualidade aristocrática portuguesa: “E sentindo esta ansiosa expectativa em torno do seu livro -o Ega decidira-se enfim a escrevê-lo. Devia ser uma epopeia em prosa, como ele dizia, dando, sob episódios simbólicos, a história das grandes fases do Universo e da Humanidade”<sup>20</sup>.

Tal intelectualidade é, pois, vista como extremamente ousada e ambiciosa, mas pouco afeita ao trabalho, pois embora planeje grandiosas produções artísticas, críticas e científicas, nunca as faz sair do estágio inicial. Subjaz aí uma ideia de que a criação artística ou o progresso científico passam pela figura da genialidade, da capacidade tremenda e incomparável que explica sozinha o sucesso da empreitada.

A lógica do trabalho, que se baseia na técnica, no esforço e na repetição, não aparece como uma opção. Talvez por estar muito ligada às profissões manuais de baixa remuneração e prestígio social, que destoam imensamente da imagem que estas protagonistas desejam para si. Há de se notar que mesmo Carlos, que desejava escrever uma obra científica, não se mostra afeito ao labor, tão caro aos defensores da cientificidade e do saber alcançado pela análise empírica.

De fato, uma visão de mundo que contemplasse os três elementos anteriormente citados (técnica, repetição e esforço) estaria muito próxima do universo proletário que tanto destoa daquilo que estas personagens gostariam de ver em suas vidas. A pesar de

<sup>18</sup> Terry Eagleton, *A ideologia da estética* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993).

<sup>19</sup> José Maria Eça de Queirós, *Os Maias*, vol. I... 115.

<sup>20</sup> José Maria Eça de Queirós, *Os Maias*, vol. I... 143.

tanto exaltarem a mesma potência laboral quando a identificam nos países dominantes, não são eles os que dotam Portugal dessa atitude dinâmica e prática. Apenas Gonçalo não se afasta do trabalho. Não apenas porque tem um objetivo bem definido (ser eleito), mas também porque não é um trabalho que se lhe aproxime do proletário. Ao contrário, o individualiza ainda mais como aristocrata privilegiado, uma vez que resgata a história de sua estirpe, demonstrando sua glória e nobreza.

A classe é, portanto, fator intrinsecamente ligado à escrita nestas quatro personagens queirosianas. Estudar essa relação entre as obras literárias criadas pelas personagens dos três romances e a luta de classes foi o objeto de pesquisa que originou esse artigo. A **hipótese** é a de que a produção ou não da obra escrita, e o modo como esta se dá, tem uma forte ligação com a adoção de uma estratégia social nos conflitos por poder social, econômico e político e não apenas literário. Escrever ou não -e o que escrever- é uma decisão que revela posições sociais. Mesmo a não publicação diz muito sobre as estratégias de classe de quem chegou a cogitar esta possibilidade com entusiasmo. Assim, a obra literária aparece como mais uma arma na luta de classes dentro de um mesmo país e entre classes e Estados de diferentes países. Ela não está fora do meio social, retratando-o de cima, mas participa da *illusio* dele<sup>21</sup> e os retratos que faz se dão a partir de sua inserção em meio aos grupos sociais. Um ponto de vista, por mais completo e profundo que seja, nada mais é que a visão a partir de um determinado ponto e sua compreensão parte da localização desse ponto em referência ao objeto que está sendo contemplado. Busca-se, aqui, entender qual ponto de vista era possível a cada personagem, o que se poderia ver de cada ponto e o que cada um fez mediante aquilo que contemplou. Em outras palavras, busca-se delimitar o “espaço dos possíveis” para cada uma dessas quatro personagens.

Esta pesquisa filiou-se à corrente das análises históricas da obra literária, tentando entender como as obras estudadas, em sua especificidade, trabalham eventos e processos históricos. Partindo do princípio epistemológico de que toda criação artística tem alguma relação com a História, seja ela do gênero que for; busca-se entender não a História de Portugal -a História em si, empírica e tida por real- mas a História ficcionalizada. Esta existe fora e paralelamente à outra. Esta independência não significa que não existam semelhanças entre a História “Real” -sendo que há controvérsias sobre o verdadeiro status epistemológico da História e sua relação com o Real- e a Ficcionalizada. Assim como existem semelhanças entre uma personagem e uma pessoa real. Por exemplo, supõe-se, na grande maioria dos casos, que ambas dormem, alimentam-se, morrem... Mesmo no caso das personagens das obras do gênero do Fantástico, que podem prescindir de algumas características humanas e adotar outras de natureza inumana, algum ponto de contato com as pessoas de verdade deve haver, sob pena de que o distanciamento absoluto do mundo empírico venha a ferir o princípio da verossimilhança -essencial para qualquer desenvolvimento narrativo- ou tornar a obra incompreensível.

## Referências

Adorno, Theodor e Horkheimer, Max. Dialética do esclarecimento. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar. 1985.

---

<sup>21</sup> Pierre Bourdieu, As regras...

Estudando livros não escritos: a escrita, a classe social e as estratégias de poder de quatro personagens queirosianas pág. 53

Balzac, Honoré de. Pai Goriot. São Paulo: Penguin. 2015.

Bourdieu, Pierre. As regras da arte. Gênese do campo literário. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

Eagleton, Terry. A ideologia da estética. Trad. Costa, M. S. R. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

Elias, Norbert. O processo civilizador. Volume 1: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar. 2011.

Engels, Friedrich, e Marx, Karl. Manifesto comunista. 1ª Edição. São Paulo: Boitempo Editorial. 1998.

Marx, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. Coleção "Os pensadores". São Paulo: Nova Cultural, 1987.

Queirós, José Maria Eça de. A Capital! (começos de uma carreira). Edição Crítica das obras de Eça de Queirós. Direção de Carlos Reis. Lisboa: Imprensa nacional – Casa da Moeda. 1992.

Queirós, José Maria Eça de. A Ilustre casa de Ramires. Em: Queirós, J. M. E. Cartas Públicas. Edição Crítica das obras de Eça de Queirós. Direção de Carlos Reis. Lisboa: Imprensa nacional – Casa da Moeda. 1999.

Queirós, José Maria Eça de. Os Maias: Episódios da vida romântica. 2 vols. Lisboa: Lello e Irmão. 1945.

Schwarz, Roberto. Ao vencedor as batatas. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34. 2000.

Torgal, Luís Reis, e Roque, João Lourenço (ed.). História de Portugal: o Liberalismo. Direção de José Mattoso. Lisboa: Editorial Estampa.

Weber, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Cia das Letras. 2004.

Para Citar este Artigo:

Bittencourt, Rodrigo do Prado. Estudando livros não escritos: a escrita, a classe social e as estratégias de poder de quatro personagens queirosianas. Rev. Dialogos Mercosur. Num. 6. Julio-Diciembre (2018), ISSN 0719-7705 pp. 37-53.

Las opiniones, análisis y conclusiones del autor son de su responsabilidad y no necesariamente reflejan el pensamiento de la **Revista Diálogos en Mercosur**.

La reproducción parcial y/o total de este artículo debe hacerse con permiso de **Revista Diálogos en Mercosur**.